

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

14 e 28 de Janeiro de 2026

The Iron Curtain / 1948

A Cortina de Ferro

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Miltom Krims, Martin Berkeley (*não creditado*) baseado nas memórias de Igor Gouzenko *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1:1,37): Charles C. Clarke *Som* (Western Electric): Bernard Freericks, Harry M. Leonard *Montagem:* Louis Loeffler *Música:* Dimitri Shostakovich, Serge Prokofieff, Aram Khachaturian, Nicholas Miakovsky *Direcção Musical:* Alfred Newman *Direcção Artística:* Lyle Wheeler, Mark Lee Kirk *Cenários:* Thomas B. Little *Guarda-roupa:* Bonnie Cashin *Caracterização:* Bem Nye *Assistente de realização:* William Eckhardt *Efeitos fotográficos:* Fred Sersen *Interpretação:* Dana Andrews (Igor Gouzenko), Gene Tierney (Anna Gouzenko), June Havoc (Karanova), Berry Kroeger (Grubb), Edna Best (Mrs. Foster), Stefan Schnabel (Ranev), Nicholas Joy (Dr. Norman), Eduard Franz (Major Kulin), Frederick Tozere (Coronel Trigorin), Noel Cravat (Bushkin), Christopher Robin Olsen (Andrei), Peter Whitney (Winikov), Leslie Barrie (Editor), Mauritz Hugo (Leonard Loetz), John Shay (Sergeyev), Victor Wood (Capitão Class), Anne Curson (Helen Tweedy), Helena Dare (Mrs. Kulin), Eula Morgan (Mrs. Trigorin), Reed Hadley (comentador), John Ridgeley (Polícia Murphy), John Davidson (Secretário), Joe Whitehead (William Hollis), Michael J. Dugan (polícia), Harry Carter (Fairfield), Robert Adler (Wilson), Arthur E. Gould Porter (Foster), Matthew Boulton (Inspector Burns).

Produção: 20th Century-Fox (EUA, 1948) *Produtor:* Sol C. Siegel *Título televisivo:* Behind the Iron Curtain *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falado em inglês com legendas electrónicas em português *Duração:* 87 minutos *Estreia Mundial:* 12 de Maio de 1948 *Estreia em Portugal:* 22 de Novembro de 1948, Tivoli, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca:* 13 de Novembro de 1993 (“Redescobrir William A. Wellman”).

The Iron Curtain trouxe a William A. Wellman a dúbia fama de ter feito o filme que abriu o ciclo da Guerra Fria no cinema, e de ser considerado um realizador de “direita”. No que se refere ao cinema americano é preciso sempre muito cuidado com as etiquetas e simplificações excessivas colados a directores como John Ford, Hawks, Walsh e Wellman. Para aqueles que apoiando-se nesses juízos lhes custa a engolir um **Grapes of Wrath** de Ford, também desnor-teiam filmes como **The Wild Boys of the Road** ou **Heroes for Sale**, da parte de Wellman. Se como Ford, Wellman nunca escondeu as suas simpatias pelos Republicanos, no campo do cinema o que importa é a história que se conta e menos a ideologia que deste lado do Atlântico se gosta de colar a qualquer autor e trabalho seu. Wellman dá a melhor resposta a estas questões: “*A good story, that’s all I’m interested in*”. E acrescentou: “*Quando fiz The Wild Boys of the Road disseram – como é? – que eu tinha virado para a esquerda. Mas tudo o que me interessa é contar uma boa história.*” E uma boa história não está necessariamente vinculada a uma ideologia.

Um episódio da vida de Wellman poderá, melhor do que quaisquer afirmações, revelar a altura do homem, e é praticamente o equivalente da famosa defesa de Mankiewicz por Ford. Quando em 1969 Wellman foi convidado, com outras personalidades, para um visionamento privado de **Tell Them Willie Boy Is Here**, de Abraham Polonsky em que o estúdio pouco acreditava, um crítico presente chegou à fala com o realizador e contou-lhe as agruras de Polonsky, vítima da “caça às bruxas”, o que provocou uma das famosas iras de Wellman gritando que não queria ter nada a ver com “comunas”. Mas ficou a ver o filme e no final foi ter com os responsáveis e gritou-lhes que eram uns idiotas que não sabiam ver quando tinham uma obra-prima e um filme de êxito entre as mãos, tendo apostado a sua assinatura com as de outros presentes (entre eles Raoul Walsh) manifestando apoio ao filme e realizador.

The Iron Curtain abre, como já dissemos, o ciclo de filmes da “guerra fria”, a que logo se juntarão títulos como **The Red Danube**, de George Sidney, **Guilty of Treason**, de Felix Feist, **Conspirator**, de Victor Saville, **I Was a Communist for the FBI**, de Gordon Douglas, **Pick Up on South Street**, de Samuel Fuller e a parábola de

Don Siegel, **Invasion of the Body Snatchers**, entre outros. Mas este “género” mais não é do que uma variação de um outro aberto pouco antes da guerra com **Confessions of a Nazi Spy**, de Anatole Litvak, e que atravessa o conflito até ao famoso **The House on 92d Street**, de Henry Hathaway, em que se denunciava o perigo do nazismo. Aliás, **The Iron Curtain** resulta, de certo modo, da confluência destes dois últimos títulos. Como **Confessions...** adapta um caso verídico sobre uma rede de espionagem, como **The House...** segue uma fórmula dramática em o que conta são os factos e a narrativa, os elementos da acção mais do que a questão ideológica. Sabe-se que o filme de Hathaway foi também o primeiro que trouxe uma fórmula nova para o cinema americano, e que ficou conhecida como o “realismo documental”, seguindo o método de Louis de Rochemont (o seu produtor) usado na lendária série de “jornais filmados” (com reconstituições dramáticas) da **March of Time**. Poderia dizer-se de **The Iron Curtain** que o filme de Wellman segue o mesmo modelo. É verdade. Porém o seu estilo documental tem mais a ver com o do próprio Wellman do que com Rochemont. Wellman sempre instilou aos seus filmes uma forma que antecipa aquele modelo (**Wild Boys...**, **Public Enemy**, **Star Witness**, **Heroes for Sale**) que é um estilo próprio que continuará a usar depois (**G.I. Joe**, **Battleground**, **Westward the Women**, **Across the Wide Missouri**, **Darby’s Rangers**).

Para lá dos equívocos que **The Iron Curtain** possa ter provocado, o filme (não se trata de encomenda nem de filme imposto) traz todas as marcas do realizador. E a sua visão hoje em dia surpreende porque de certo modo desmistifica a fama de que vinha rodeado. Quer dizer, **The Iron Curtain** é essencialmente um *thriller* no qual a ideologia se secundariza em relação aos dramas humanos. Porque a história de Igor Gouzenko, tal como está contada, é menos a de um “dissidente” e de uma metamorfose ideológica do que a de um homem que procura o melhor para a sua família. Gouzenko (um excelente trabalho desse admirável actor impassível que foi Dana Andrews) procura refúgio junto das autoridades canadianas porque ali encontra a melhor forma de educar o filho e vê-lo crescer livre nas suas opções, e a denúncia da rede de espionagem é usada apenas como moeda de troca. Aliás, Wellman evita sempre um olhar maniqueísta (estranho a todo o seu cinema) que depois vingará nos filmes do género: Eduard Franz compõe uma singular figura de oficial soviético que perdeu a fé e cujo destino será inevitavelmente a prisão algures na Sibéria. É a partir desta (seguindo algemado no avião), que Wellman faz a narrativa segundo a forma que lhe é típica, em *flashback*. E todo o filme com o seu estilo verista (filmado em Otava, onde se tinham dado os acontecimentos) está mais próximo do de **G.I. Joe** do que de qualquer dos filmes de propaganda que depois se fizeram, com momentos que mostram a maestria de Wellman, como aquele em que Gouzenko espera a chegada dos seus ex-camaradas que o vêm prender, criando um notável clima de expectativa e angústia reforçado pela fotografia a preto e branco de Charles Clarke, explorando habilmente os contrastes de iluminação.

The Iron Curtain não é uma das obras-primas de Wellman, mas testemunha da sua incomparável maestria narrativa.

Manuel Cintra Ferreira